

João Tuna 90-04: Ficções fotográficas

Paulo Eduardo Carvalho

Criámos este "portefólio" com a mais generosa das estratégias: invertendo de algum modo a lógica de organização da revista, dominada por textos a que as imagens convocadas pretendem oferecer o suporte possível, trata-se aqui de dar espaço, primazia e quase exclusividade à fotografia de teatro. O critério para a ocupação destas dez páginas pode passar pela obra de um fotógrafo, como acontece neste primeiro número, mas também pode vir a contemplar a carreira de um actor, o destino cénico de um determinado dramaturgo, o percurso de uma companhia ou criador teatral, etc.

João Tuna (n. 1967) foi o fotógrafo português convidado a inaugurar este espaço. Para além da sua actividade ligada à imagem em movimento (fotógrafo e realizador de cinema e vídeo, nomeadamente como responsável por diversas versões vídeo de espectáculos de teatro), da sua experiência no domínio do retrato fotográfico e das suas aventuras como autor dramático (*Dorme devagar*, 2001), João Tuna é sobretudo conhecido entre os criadores e os espectadores de teatro pelo seu já longo e riquíssimo percurso no domínio da fotografia de cena. Tendo começado a fotografar teatro no início da década de 90, o seu trabalho vem-se desenvolvendo em colaboração com uma grande diversidade de estruturas: Teatro do Século, Casa Conveniente, Festival Internacional de Teatro (Lisboa), Teatro da Comuna, Sensurround, Teatro Nacional D. Maria II, ASSÉDIO, Ensemble. A experiência de *Fados*, em 1994, terá sido, contudo, determinante para a relação mais regular que passou a estabelecer com Ricardo Pais, relação essa, a partir de 1996, ampliada para a globalidade de produções e acolhimentos do PoNTI (1997, 1999 e 2001). Para além do modo mais difuso como as suas imagens vêm povoando muitos dos materiais publicados e divulgados por aquele Teatro, João Tuna teve já a oportunidade de mostrar algumas das muitas imagens captadas/criadas no âmbito dessa colaboração numa exposição invulgar – evocada pelo próprio fotógrafo nas páginas seguintes –, com o título *Lapsos e memórias*, apresentada no Salão Nobre do TNSJ.

O desafio lançado agora a João Tuna foi o de escolher ele próprio um número indeterminado de fotografias entre o seu vasto e variado espólio. O fotógrafo respondeu ao desafio com generosidade, acrescentando-lhe a responsabilidade pela distribuição e arranjo gráfico das imagens seleccionadas. E porque optou por combinar espectáculos portugueses com muitas das criações estrangeiras que nos visitaram, o leque de ofertas revelou-se ainda mais diversificado. Se, nalguns casos,

A fotografia, tal como a escrita e a realização, só me interessa enquanto representação de ficções. Qualquer outra abordagem não me interessa.

João Tuna

o leitor/espectador conseguirá reconhecer imediatamente determinado espectáculo, noutros terá de se socorrer da legenda para esclarecer a experiência cénica registada.

Justamente porque, enquanto "fotógrafo de cena", João Tuna tende a subordinar a sua acção interpretativa ao olhar do encenador, o resultado do seu trabalho vai muito para além do registo tímido ou equivocado da experiência cénica, empenhando-se antes numa busca ambiciosa, necessariamente criativa, de um qualquer efeito de totalidade: "a fotografia de cena funciona enquanto, mesmo através de um detalhe, representar a *forma* do espectáculo" (Tuna 2003: 117).

Estas são imagens atravessadas pelo labor de actores, encenadores, cenógrafos, figurinistas e desenhadores de luz. Concentradas nos corpos e nos rostos dos actores, inevitável ponto focalizador da cena, estas são fotografias que se revelam sensíveis não só ao espaço da representação e às múltiplas relações dos actores com os objectos, mas também, algumas vezes, à proxémica dos actores distribuídos naquele espaço. Na sua surpreendente variedade, estas imagens ilustram as vias percorridas por esse "astrónomo amador" que é João Tuna, na sua errante reconstituição de universos. Numa produtiva oscilação entre o designio comunicativo e a legítima ambição estética, estas são imagens com um inegável valor documental, mas com não menor eloquência expressiva e independência artística. Se em algumas encontramos exemplarmente revelada "a verdade enfática do gesto nos grandes momentos da vida", de que nos fala Baudelaire, noutras é pela quase absoluta transfiguração que a morte da experiência surge, mais uma vez, adiada.

Aquilo que estas dez páginas nos proporcionam são múltiplos instantes silenciosos evocativos de muitas encenações, representações e outras ficções. No silêncio, ficam naturalmente as palavras, os textos, os sons, as músicas e as formas mais animadas e expandidas que, com idêntica determinação, acompanham essas experiências. E, porém, por vezes, dir-se-ia que estão lá, as palavras e os sons, os gestos e os movimentos, prontos a eclodir, estabelecido o contacto entre o instante roubado ao efémero e a já diversa, mas não menos complexa, expressão em que, por intervenção do fotógrafo, o que era passageiro deixou rasto. O que resta são sinais, de cena.

Referência bibliográfica

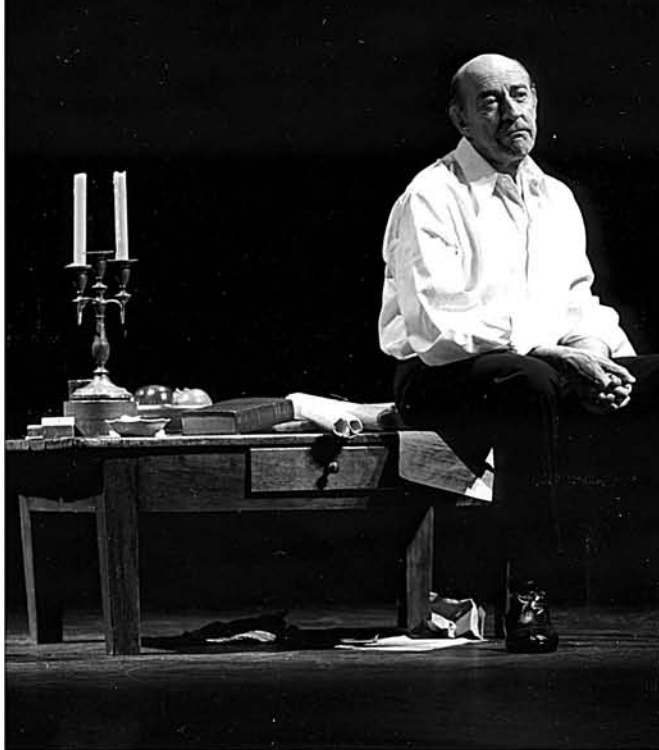
TUNA, João (2003), "Representar a *forma*", *Artistas Unidos: Revista*, n.º 9, Novembro de 2003, pp. 116-118.



Em teatro, há um pequeno problema para que se possa definir com a mesma clareza que no cinema o que é a fotografia de cena. Não existe referente. Não há uma imagem com a qual a fotografia de cena se deva parecer, como o fotograma no cinema. No entanto, há alguns princípios: a fotografia de cena em teatro deve representar o espectáculo, deve traduzir o espaço cénico, a cenografia, a iluminação, os figurinos, as personagens. Deve, quando surge na imprensa, representar uma forma semelhante à que o espectador vê na sala. Mas o espectáculo pode ser interpretado de várias formas, então precisamos de especificar o nosso olhar e devemos fazê-lo sob o olhar do encenador que representa agora a nossa câmara de cinema. A sua ideia de espectáculo deve ser reproduzida nas fotografias. (Tuna 2003: 116)



Boris Godunov, enc. Iuri Liubimov, Teatro Taganka, 1991. *Brace Up!*, enc. Elizabeth LeCompte, The Wooster Group, 1991. *Boris Godunov*, enc. Iuri Liubimov, Teatro Taganka, 1991. *Madame de Sade*, enc. Ingmar Bergman, Kunglia Dramatiska Teatern, 1991. *O suicidário*, enc. João Lourenço, Novo Grupo/Teatro Aberto, 1991.



(A)tentados, enc. João Pedro Vaz, ASSÉDIO, 2000. *Um certo olhar*, enc. José Possi Neto, 1999. *Edmond*, enc. Adriano Luz, Projecto Intercidades, 1997. *Dedicatórias*, enc. Lúcia Sigalho, Sensurround, 2000. *Trono de sangue – Macbeth*, enc. Antunes Filho, Grupo de Teatro Macunaíma, 1993. *L'altro processo*, enc. Giorgio Barberio Corsetti, Compagnia Teatrale di G. B. C., 1999. *O mal da juventude*, enc. João Mota, Teatro da Comuna, 1996. *Nunca nada de ninguém*, enc. Ana Tamen, ACARTE, 1992.



The Days Before: Death, Destruction & Detroit III, enc. Robert Wilson, Change Performing Arts, 1999. Kazuo Ohno, Kazuo Ohno Dance Institute, 1994. *Salome*, enc. Steven Berkoff, East Productions, 1993. *Comédia de Rubena*, enc. Luís Miguel Cintra, Teatro da Cornucópia, 1991. *Gaudeamus*, enc. Lev Dodine, Teatro Maly de S. Petersburgo, 1993.

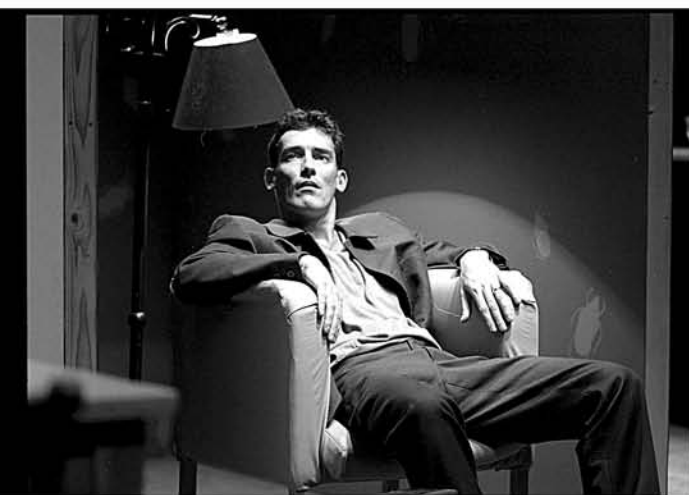


Zazou, enc. Jérôme Savary, Théâtre National de Chaillot, 1991. *Os dias que nos dão*, enc. Mónica Calle, Casa Conveniente, 1999. *O pecado de João Agonia*, enc. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1991. *A hora em que não sabemos nada uns dos outros*, enc. José Wallenstein, TNSJ, 2001. *Zerlina*, enc. João Perry, Teatro Nacional D. Maria II, 1993. *Bichos*, enc. João Brites, O Bando, 1991.



Com *encenação* do designer João Nunes, inaugurou em Março de 1999, no Salão Nobre do Teatro Nacional S. João (TNSJ), a exposição *Lapsos e memórias*: dois painéis de 4x6m colocados nas duas extremidades da sala, cada painel com 24 imagens de 1x1m. Prevista para um período de 4 meses, esta instalação fotográfica acabaria por habitar o Salão Nobre durante cerca de ano e meio, sendo objecto de duas actualizações.





Poesia e selvajaria, dir. Vera Mantero, 1998. *Projecto X.2*, enc. Francisco Alves, Teatro Plástico, 2000. *A gaivota*, enc. Gastão Cruz, Teatro da Graça, 1992. *A senhora Klein*, enc. João Mota, Teatro da Comuna, 1994. *Marie e Bruce*, enc. Nuno Carinhas, Ideia Fixa, 1997. *Molly Sweeney*, enc. Nuno Carinhas, Ensemble, 1999. *Três irmãs*, enc. Eimuntas Nekrosius, Meno Fortas, 1997. (→) *Castro*, enc. Ricardo Pais, TNSJ, 2003.



